

A IMAGEM e suas virtualidades

ÁLVARO MIRANDA SANTOS *

Adentro dumas Jornadas subordinadas ao título, promissor, Educação e Desenvolvimento a reflexão sobre a imagem e suas virtualidades reveste-se de características particulares, como sejam as que dizem respeito à personalidade e sua possibilidade de criatividade, graças particularmente ao nível intelectual.

Uma primeira consequência diz respeito às próprias virtualidades, as quais, rigorosamente falando não são propriedade da imagem. Então, de quem são? Encontram-se efectivamente na imagem, mas como que implicitamente. Constitui obra de todos os intervenientes na acção pedagógica, diferenciadamente: quer da parte dos docentes, quer dos discentes por interacção proporcionada, provocada mesmo pelos docentes.

Situando um pouco melhor ou enquadrando mais rigorosamente a mesma ideia, seria de propor a sequência seguinte:

- Há longo tempo, só o aluno era focado quer na prática, quer na leitura da situação educativa. Ele e só ele constituía objecto de atenção ou de interesse: para análise, para atenção relativamente ao que se passava, no sentido de clarificar a situação e "ajudar" o aluno.
- Posteriormente, foi focalizada a relação entre o discente e o docente, com particular incidência ainda na observação do modo de o discente se relacionar com o docente, incluindo a matéria de aprendizagem. E ainda um pouco e começou a ser focalizada e mais ou menos analisada a

* Docente na Faculdade Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra

relação, a forma de interacção que acontecia entre o docente e o discente. Estava preparada a passagem para o momento actual.

- Enfim, as atenções voltaram-se, quase exclusivamente, para o docente. Propõem-se actividades, sugerem-se atitudes e atribuem-se-lhe responsabilidades de tal modo incidentes que se faz depender tudo dele. A ponto de, após todos os estudos, sondagens e reflexões, em termos de motivação surgir insistentemente e quase irritantemente a pergunta inquietante: como se compreende que a insistência na motivação dos docentes esteja a falhar na obtenção da motivação dos discentes?

Não vem a propósito denunciar a confusão, bem persistente e com incidências negativas, entre motivação e estimulação. Até porque tal confusão passa a maior parte ou mesmo a quase totalidade das reflexões e dos "discursos" sobre a motivação quer em relação aos docentes quer em relação aos discentes. É pena e é grave: esvaziar a operacionalidade duma realidade a motivação, vertendo-a num vocábulo, a estimulação, pejado de estereótipos relativamente à personalidade.

Para além de todas e valiosas reflexões em torno da pergunta acima formulada, por opção valiosa das jornadas, vamos tentar focalizar o mundo dos audiovisuais. E uma pergunta, imediatamente: a imagem não constituirá o foco central em toda esta problemática se, preferencialmente, focalizarmos a **personalidade** - quer do docente, quer do discente - em termos de **desenvolvimento**?

Situada a problemática (pareceu-me vantajoso) vamos tecer algumas considerações.

A imagem constitui um mundo fascinante, de formas e de cores. Ao mesmo tempo, um mundo penetrante, pela polarização permanente a que obriga. E, principalmente, um mundo aliciante porque sempre variado até à exaustão, em relação ao que produz, podendo ir mesmo até à saturação no que pode provocar. Uma das manifestações mais claras em termos de saturação consiste no recurso aos estupefacientes, quaisquer que sejam, para conseguir desencadear um mundo ainda mais variado e fascinante do que todos os programas de audiovisuais.

A imagem é, principalmente, ambivalente como a sucessão dos diapositivos procurou mostrar.

Se construirmos uma perspectivação actual acerca da personalidade, enquanto desenvolvimento dos níveis de actividade, assim como dos aspectos de actuação das suas diversas potencialidades, a imagem ou o mundo dos audiovisuais é dotado duma característica que contribui clara e decisivamente para a hipertrofia ou quase exclusivo desenvolvimento da sensorialidade, explorando a faceta da sensorialidade que consiste na abertura constante à variedade e variação. No entanto, se tudo for variedade, a unidade pessoal encontra-se perdida assim como se tudo for uniformidade a unidade pessoal é amorfidade, monotonia. Daí, apresentar-se como importante dar atenção ao desenvolvimento intelectual, a outra face da personalidade, cujo desenvolvimento constitui contributo decisivo, na medida em que é específico, para a saúde dos humanos.

O contributo dos audiovisuais ou da imagem para esse desenvolvimento é que vai constituir agora o tema da nossa reflexão. Esta introdução procurou apenas realçar, se fosse necessário, uma tal temática.

A pergunta: quais são as virtualidades da imagem para o desenvolvimento?

Em primeiro lugar, um pressuposto a considerar: verificou-se e verifica-se em cada humano uma passagem do movimento simplesmente neuro-muscular para a invenção e o uso da palavra. Ficou e fica definida a fronteira, entre animalidade e personalidade. Do uso da palavra, aconteceu e acontece uma nova passagem: da logosfera para a iconosfera. Convém frisar que nada desaparece do que se encontra adquirido.

Em segundo lugar, uma observação de fundo: ninguém adquire prática da leitura sem uma aprendizagem sistemática. E hoje: o que se procura criar no sentido dum aproveitamento, através de aprendizagem, daquilo que é cada vez mais o nosso mundo, o da imagem ou dos audiovisuais?

Avançando: entre a logosfera e a iconosfera verifica-se uma pequena(?), grande(?) diferença. Ao passo que a palavra se encontra conotada ou é apresentada habitualmente na sua vertente cognitiva, como forma de tomar contacto com os objectos, nomeando-os, a imagem quer na sua leitura, quer na sua feitura é simultaneamente referência aos objectos e atribuição de significação aos mesmos. E aqui a sua característica mais importante.

No entanto, ambas são criações dos humanos, o mesmo é dizer, específica ou exclusivamente humanas. Mas, com uma ênfase particular para a imagem:

apresenta-se como demasiado grande, quase infinita, a distância que vai da pintura rupestre até à realidade virtual. Pensando no futuro, seria adequado colocar a seguinte questão: como se apresentará essa mesma distância no mundo de amanhã, o das crianças de hoje? Consequentemente: que aplicação de observação e de reflexão praticam os “educadores” no sentido de preparar as crianças d’hoje para esse mundo, ainda que em hipótese? Ou será que estamos condenados a “andar sempre a reboque da técnica”...

Hoje, a imagem, quer como manifestação da criatividade humana quer como conteúdo da interacção dos mesmos humanos, constitui a realidade mais real. Apesar de imagem. Haveria que ser, mais palpável, atendendo à sua incidência na sensorialidade.

A imagem, feitura dos humanos e meio de leitura dos humanos, constitui um instrumento promissor e de grande eficácia para o desenvolvimento humano:

- em primeiro lugar, no aspecto cognitivo, ou seja, de contacto com os objectos, o real, numa diversificação nunca atingida até este nosso tempo, quer em quantidade de imagens quer em quantidade de pessoas que delas podem dispor a seu gosto. Sem falar na “internet”, bastava pensar na facilidade de ir até ao fundo do mar, por mais longínquo que seja ou ao coração da Amazónia, ou ao polo norte, água-gelo ou ao polo sul, continente submerso em gelos permanentes. Considerável informação esta, não apenas relativamente ao presente como ainda relativamente ao passado através das reconstituições históricas, como ainda mais no puro nível da “fantasia” em termos de animação de figuras, elas mesmas, tantas vezes sem grande correspondência com o dia-a-dia da nossa sensorialidade. Em suma: informações sobre o real captável pelos sentidos e também, se não principalmente, com o real que não é sensorial, ou sejam, as realidades experimentais (científicas) e as realidades metafísicas e tudo isso graças à plasticização por intermédio da imagem.
- em segundo lugar, no aspecto significativo por virtude do qual a imagem adquire novo e particular interesse na actualidade. A sua feitura contém na grande maioria dos casos uma grande imoregnação de significação, atribuída pela própria feitura na medida em que directa ou indirectamente, é fruto duma opção. Se tivermos em conta que a própria montagem em termos de sequência de imagens é uma opção e que toda

a opção consiste em atribuição significativa de algo que se pretende evidenciar, se não mesmo, impor, compreende-se qual o impacto de qualquer imagem.

A imagem, sob esta luz, adquire particular interesse adentro do nosso tema. Há que ter em conta, no entanto, que as **virtualidades** da imagem se encontram **implícitas**. Consequentemente, para serem colocadas ao serviço do desenvolvimento dos humanos, em qualquer idade cronológica no presente e, principalmente no futuro, requer-se que sejam oportunidade de **participação e de colaboração** no sentido de explicitar o seu conteúdo.

As imagens, enquanto imagens, não ultrapassam o mero nível sensorial. O seu contributo consiste em poderem constituir (não pelo facto mesmo de serem) ponto de partida para relação de realidades e, principalmente, de valores. Contribuírem também para recriação de conteúdos quer em termos de valores quer em termos de realidades no sentido da descoberta do explícito no implícito. Sem uma tal actividade de explicitação, as imagens apenas prendem ou apenas dão satisfação sensorial sem nunca permitir aos humanos irem mais além, a ver mais a realidade e, principalmente, ver melhor essa realidade.

No caso vertente da aprendizagem sistemática, quer a nível das "operações concretas", quer principalmente a nível das "operações abstractas" ou formais, uma tal colaboração torna-se indispensável. **Colaboração** no sentido de os mais "práticos" na aprendizagem possibilitarem o desenvolvimento duma apreensão diferenciada, como principal factor duma aprendizagem desenvolvvente, **uma aprendizagem criativa**. E aqui impõe-se, inevitavelmente, realçar o peso atávico da palavra aprendizagem, enquanto sinónimo de "armazenamento", ainda demasiado divulgado por uma certa tradição; em consequência, realçar igualmente que aprender não é aprender mas **apreender** a relação entre os objectos, sejam sensoriais, sejam experimentais sejam ainda metafísicos.

A considerável riqueza do mundo dos audiovisuais, em crescente variedade, constitui oportunidade ímpar e jamais vista **dum aprender que seja apreender** a relação entre objectos e entre valores, cada vez mais diversificados, quer os objectos quer os valores, de forma a evitar um certo desinteresse no aspecto de significação e um certo cepticismo no aspecto da cognição.



Papelaria e Livraria Nova Académica, Lda.

.Artigos escritório

.Desenho

.Novidades

.Brindes

Agente:

.Papel Sensibilizado

.Lima Mayer

Av.ª Fialho de Almeida, 6
Telef. 2 59 14

7 800 BEJA

ARESTA, L^{DA}

R. S. SEBASTIÃO, N.º24 - 7800 BEJA

PRODUTOS HIGIENE E LIMPEZA

TELEF.(084) 38 91 30